



UM PRATO DE ÓDIO

MAXWELL DOS SANTOS

UM PRATO DE ÓDIO



UM PRATO DE ÓDIO



MAXWELL DOS SANTOS

SUMÁRIO

A par das aparências	11
1. Mais forte do que nós	17
2. Barraco no rango	25
3. Uma vida de fracassos	35
4. O bilhete azul	39
5. As reações	43
6. Síndico reça	49
7. A dor e a ira de uma avó	55
8. A repercussão na escola	59
9. A festa que não foi	67
10. Afogando as mágoas	73
Sobre o autor	81
Contribua com a literatura	83

Copyright 2022 Maxwell dos Santos
Alguns direitos reservados.
+55 27 99943-3585 | +55 27 98843-2666
sanmaxwell@gmail.com

**Responsabilidade Editorial, Revisão Final, Diagramação do
Miolo e Capa** | Maxwell dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP),
Ficha Catalográfica feita pelo autor

S237v Santos, Maxwell dos, 1986 –

Um prato de ódio [recurso eletrônico]
/ Maxwell dos Santos. – Vitória:
Edição do Autor, 2022.

Modo de acesso: World Wide Web

<http://www.maxwelldossantos.com.br>>

ISBN 9780463344552

1. Literatura infantojuvenil. I.
Título.

CDD 028.5

CDU 087.5

*Para todas as crianças e adolescentes vítimas do racismo
estrutural.*

*Lavar as mãos do conflito entre os poderosos e os impotentes
significa ficar do lado dos poderosos, não ser neutro. O
educador tem o dever de não ser neutro.*

Paulo Freire (1921-1997)

A PAR DAS APARÊNCIAS

Por Wagner Silva Gomes

Com capítulos que desfecham em compromisso com os direitos humanos, a assistência social e o humanismo que, o autor nos alerta, tem que atravessar os primeiros, mas que depende de um olhar subjetivo, sem vícios para o politicamente incorreto, e, muitas das vezes, para o politicamente correto. É com esse olhar que o escritor Maxwell dos Santos nos mostra nessa novela como chegar de igual em uma cidadania desigual.

Tudo depende, leitor, da parábola mental que, embora em linha real, depende dos desvios hegemônicos da cultura branca, eurocêntrica, estadunidense,

que nos mostra consumo em vez de resiliência, aparência em vez de *parencia*, e assim nos torna *apar*, isto é, não dado ao próximo, que ainda assim existe, ilusoriamente, quando o próximo não fecha no que há de diferença, nos mostrando a aparência de um espelho social vicioso.

Os capítulos dessa novela do Maxwell em *Um prato de ódio* trazem uma literalidade do socialmente posto em uma narrativa cotidiana que nas voltas do que se passa na cabeça de um segurança, na cabeça de uma modelo de classe média, nos chocam, bastando uma metáfora para provocar o encontro, parábola até o garoto de rua esfomeado, vendedor de sinal (alerta maior). O cotidiano da moça de classe média foi tão formidável, politicamente correto.

Mas o do segurança faltou. Quem era o segurança? Quais eram as regras subentendidas dos perfis proibidos de frequentar o restaurante onde o menino convidado pela modelo jantou? O segurança não soube subentender quando o que valia mais eram as aparências dos apares que apesar de próximos a ele, não fechavam com ele em um princípio ético.

Este, que tanto falta aos brasileiros, vai nos colocando em choque toda vez que aproxima aparências e vivências em torno do prato de ódio. Os personagens vão sendo esmiuçados, do que foi mostrada a vivência

é dada em outro conto a aparência, e assim por diante. O garoto esfomeado? Tem uma história de mesmo subentendido ético, com a diferença que agora foi varrida pra debaixo do tapete da justiça.

Ali não tinha segurança pra culpar porque o que tinha era um juiz. Outra aparência colocada na mesa diante do prato de ódio. E colocar um juiz, perante um prato de ódio é como perguntar: Quem matou Malcolm-X, quem matou Marielle Franco?

Como se as histórias de ambos desse também na história do garoto. E dão.

E o segurança? Nas palavras do autor: *O fato é que Bernardo sofria da síndrome do pequeno poder ou síndrome do porteiro*. O autor traz para o contemporâneo a parábola do porteiro, de Franz Kafka, do conto *Diante da Lei*, construindo o contexto com o limiar que dá para o bovarismo social brasileiro de quem não atravessa para o outro lado, se livrando da mente colonialista, e ainda assim sente que é o colonizador.

Com isso, na linha da prosa barretiana, com autenticidade singular, o narrador colocará a passagem do portão, dos territórios periféricos para os bairros nobres, de uma classe social para outra, a todo o momento, para que você, leitor, adentre com o seu olhar subjetivo sem se dar conta, e muitas das vezes ao adentrar, você, espantado, verá que estava longe da

entrada, observando tudo com o bovarismo ilusório que cobre a vista da sociedade brasileira.

Nessa, tudo parece tão simples e repetitivo, mas não é, um portal para um negro na porta giratória de um banco pode ser uma esfinge que devorará a sua sanidade mental, mesmo ao adivinhar que foi vítima de racismo. Chega-se ao futuro sem olhar para o passado escravocrata, colonialista, e suas consequências no presente, não se chegou realmente, tudo não passou de bovarismo social.

É isso que Maxwell problematiza, mostrando, quando necessário, mais por conteúdo do que por estética, a linguagem de quem vive a cultura periférica, a linguagem do ciberespaço, onde a cultura popular de um simples grupo de axé pode ter no portal empresarial bovaristas sociais com o perfil de Bernardo.

Em *Um prato de ódio*, o circuito do carnaval baiano Barra-Ondina é a Sapucaí desnuda, é “O rei está nu”, são séculos de história, sem alegorias, sem fantasia. Atravessá-lo tanto pode ser adentrar, como pode ser não adentrar o portão do futuro.

Para o que o Maxwell constrói contextos e nos faz pensar de forma criativamente espantosa já nos disse o Caetano Veloso: *A Babia, estação primeira do Brasil*.

E todos sabem, mesmo os que acham que o Brasil é um país sem memória, como vieram os negros esca-

vizados e como foram tratados ao pisar em solo brasileiro. Para um país sem memória até que o Brasil repete muitas das lembranças do passado. Então, leitor, é hora de adentrar o livro, conhecer os personagens e pensar sobre suas ambivalências. Ora, você já adentrou o livro. Ou não?



MAIS FORTE DO QUE NÓS

A paixão me pegou
Tentei escapar, não consegui
Sem querer eu te prendi
Grades do coração, Grupo Revelação

Tudo era apenas
Uma brincadeira
E foi crescendo
Crescendo, me absorvendo
E de repente eu me vi assim
Completamente seu
Sonhos, Peninha

Há um ditado popular que diz: “Onde se ganha o pão, não se come a carne”. Com a constante convivência, foi inevitável que Cristiana e Lucas, então músicos da banda Charme da Cidade, se apaixonassem.

Contudo, eles viviam essa paixão escondida, porque o pai do rapaz e dono da TT Produções Artísticas, Teófilo, não queria que o filho namorasse uma jovem negra e da periferia. Queria que ele casasse com uma daquelas moças da alta sociedade, que requisitavam os serviços da Charme da Cidade em seus eventos.

Naquele dia, a banda animou o carnaval do balneário de Pontal do Ipiranga, em Linhares, cantando eternos e novos hits do axé, principalmente *Café com pão*, da banda Afrodisiáco (que mudou o nome para Vixi Mainha, em virtude de problemas jurídicos), do refrão chiclete: *Vixe mainha, ó neguinha/Tudo é tão bom/Ioiô mainha, ó neguinha/Tudo é tempo*.

Ivete Sangalo, em entrevista ao jornal baiano *A Tarde*, previra que *Café com pão* seria a música do carnaval de 2006.



NO HOTEL SAN PAOLO, ÀS 3 DA MANHÃ, LUCAS FOI ao quarto de Cristiana e apertou a campainha. Cristiana abriu a porta.

“Quem será a esta hora”, pensou.

Quando abriu a porta e viu Lucas, ela disse:

- Oi, Lucas. Tudo bom?

- Vai ficar melhor quando a gente puder viver nosso amor, e gritar pra todo mundo ouvir que eu te amo - disse Lucas.

- Por tanto tempo, quis te abraçar, te beijar e agora vejo que isso tá se tornando realidade. Entra, meu bem - respondeu Cristiana, beijando a boca do amado.

- Sim, meu amor - respondeu Lucas.

Lucas entrou no quarto, delicadamente, tirou o baby-doll de Cristiana, que também despiu o rapaz. Eles se deitaram na cama e fizeram amor por toda a noite.



UM MÊS DEPOIS, CRISTIANA FOI AO ESCRITÓRIO receber seu cachê e falar com Teófilo Tadeu, o dono da TT Produções Artísticas. Ela disse:

- Oi, Teófilo, bom dia.

- Bom dia - disse Teófilo - Não posso te dar atenção. Tô atendendo a cliente.

Cristiana esperou a cliente sair para falar com Lucas. Ela disse:

- Teófilo, tô grávida.

- Parabéns – respondeu Teófilo, friamente – Quem é o pai?

- O Lucas. Tivemos uma noite de amor, que gerou um fruto e teremos um filho – disse Cristiana, contente.

- Você é mais uma entre tantas que quer dar o golpe da barriga. Esse filho não é dele! - gritou Teófilo - Pode ser de outro, mas não é dele. Bem que avisei pra ele tomar cuidado com as sirigaitas, mas ele não deu ouvidos.

- A gente foi pra cama, transou e ele disse que a gente viveria esse amor - respondeu Cristiana, com a voz embargada.

- Ô minha filha, acorda! O que vocês tiveram na cama foi uma transa, sexo casual, minha querida. Só nas novelas que moças negras e pobres terminam no final com rapazes brancos e ricos. Somos de mundos diferentes. Jamais teria uma nora negra e vinda da periferia. O que meus parentes e amigos vão pensar de nós? Ele nunca te amou - respondeu Teófilo.

- Eu amo o Lucas – disse Cristiana, aos prantos.

- Mas ele não te quer – gritou Teófilo – Não enche mais a droga do saco. Pro seu próprio bem, saia agora do escritório, antes que te cubra de porrada!

- O que eu te fiz pra você me tratar assim? - perguntou Cristiana, com lágrimas nos olhos.

Teófilo pegou Cristiana pelos cabelos cacheados e a arrastou para a calçada da Rua Constante Sodré, em Santa Lúcia.

- A partir de agora, não preciso mais de seus serviços – gritou Teófilo, abrindo a carteira e dando trezentos reais para a moça. Taí o seu cachê e peço o grande favor de manter distância do Lucas, tá compreendido? Vaza, sua piranha!

A jovem saiu dali em frangalhos.



NO ENCERRAMENTO DA CONFRATERNIZAÇÃO DA VixMed, no Espaço de Eventos de Vitória, Teófilo pegou o baixo, e junto com a banda Charme da Cidade, tocou a canção *Whisky a Go Go*, do Roupas Nova.

Ao cantar o refrão, o cantor teve uma dor muito forte no peito e caiu duro no chão. Ele sofrera um infarto fulminante. Os convidados ficaram assustados. Lucas entrou em estado de choque. O cardiologista Silvério Gonçalves se aproximou de Teófilo, fez várias manobras de reanimação, mas não sentiu o pulso do mesmo.

- Lucas, seu pai tá morto – disse o doutor.

O primogênito do dono da banda baile entrou em estado de choque.



CRISTIANA ESTAVA EM UMA DAS SALAS DO CEMUNI V, apresentando com os colegas um seminário na disciplina História da Música, quando sentiu uma dor de cabeça fortíssima como nunca antes sentira na vida, desmaiou e convulsionou.

Ela tivera um AVC hemorrágico, o mais grave. Os alunos entraram em desespero. A jovem foi levada desacordada ao Hospital das Clínicas, em Maruípe. Os médicos fizeram uma cesárea de emergência, e no dia 20 de novembro de 2006, veio ao mundo Leonardo de Sousa Farias. A cada dia, Cristiana piorava, e no dia 21 de novembro de 2016, ela teve a morte encefálica declarada.

Aquela moça sempre manifestou o desejo que seus órgãos fossem doados, e a família cumpriu sua vontade, autorizando a doação dos mesmos. Coração, pulmões, fígado, rins, pâncreas, ossos e pâncreas beneficiaram pessoas que há anos estavam na fila de transplantes.

Irresignada, Lúcia, a mãe de Cristiana e avó de Leonardo, entrou com uma ação de reconhecimento de paternidade para que Leonardo tivesse o sobre-

nome do Lucas e pagasse pensão alimentícia. Contudo, os advogados do cantor lançavam mão de recursos para adiar a audiência de conciliação. Misteriosamente, os autos sumiram da Vara de Família de Vitória.

Desde então, Lúcia, a duras penas, e com ajuda de Hudson, tem criado Leonardo. Quando tinha festa de dia das mães ou dos pais, o menino ficava em casa ou a avó ia, representando o pai e a mãe.

BARRACO NO RANGO

Dezesseis de novembro de dois mil e dezoito, meio-dia e meia. O trânsito fluía normalmente na Reta da Penha, apesar de ser horário de almoço, saída e entrada de alunos das escolas públicas e particulares do entorno daquela avenida.

Passando por ali, em seu Hyundai Veloster, estava Gabrielle, 30 anos, jornalista e influenciadora digital, morena clara, 1,65 m, olhos e cabelos castanhos, piercing no nariz, seguia para uma reunião com a gerente de marketing de uma marca de biquínis na Glória, quando se deparou com Leonardo, 11 anos, negro, 1,60 m, que estava no sinal vendendo balas e chicletes. Ele se aproximou da moça e disse:

– Tia, quer comprar bala? Tô juntando dinheiro

pra comprar comida lá em casa. A despensa tá vazia e só comi a merenda da escola.

– Chuchu, eu não compro coisas na mão de crianças. Você devia tá na escola agora, não?

– Estudo de manhã.

– Posso te pagar um almoço com refri lá no Fleurs du Mal, no Perth Commercial Centre.

– Legal.

– Entra no carro e bora lá.

Gabrielle e Leonardo entraram no centro comercial, que ficava em frente à sede da Petrobras no Espírito Santo. Foram ao restaurante Fleurs du Mal. A jornalista pegou o cardápio, mostrou para o menino, que escolheu filé com fritas.

Quando a atendente estava entregando o prato para Leonardo, veio Bernardo, o segurança da Pretoriana, prestadora de serviços do condomínio, branco, loiro, musculoso, 1,90 m e olhos azuis. Ele falou para a funcionária do restaurante:

– Senhorita, não sirva o prato ao menino, pois pelas normas deste condomínio, é terminantemente proibido vender ou doar comida para pedintes e moradores de rua. Além disso, o regimento prevê que o centro comercial se reserva o direito de impedir o acesso e permanência de pessoas que considera indesejáveis. Eu, como segurança deste estabelecimento, tenho o dever de cumprir e fazer cumprir o regimento

deste centro comercial e esse menino vai ter que se retirar.

– Que absurdo! Você tá sendo preconceituoso e racista, só porque o menino é preto e pobre. Tá mais preocupado em seguir a letra fria do regulamento, não dando à mínima ao garoto faminto – falou Gabrielle, indignada e filmando a cena constrangedora em seu iPhone 7 de 128 GB.

– Senhora, este é meu trabalho. Pare com o coitadismo, porque eu não rezo na cartilha do politicamente correto. Aqui não é lugar para assistencialismo, mas um centro comercial, é uma propriedade particular. O problema desse menino não é nosso, e tem que ser resolvido pelo Juizado de Menores, Conselho Tutelar, Ministério Público, Defensoria Pública, sei lá – respondeu Bernardo.

– Menino, quantos anos você tem – perguntou Gabrielle a Leonardo.

– 11 anos – respondeu Leonardo – Faço 12 daqui a alguns dias.

– Com quem você mora? - perguntou a moça.

– Moro com a vovó e com meu tio. Vovó trabalha fazendo faxinas em casas de família, mas não tá pintando nada ultimamente pra ela. Minha mãe morreu quando eu nasci. O que eu sei é que ela era cantora de uma banda chamada Charme da Cidade – respondeu Leonardo.

- Charme da Cidade, uma banda baile que toca em eventos. Já se apresentaram na minha festa de 15 anos. Músicos de altíssimo nível – disse Gabrielle – Quem é o seu pai?

- Não sei quem é meu pai, só tenho o nome da minha mãe na certidão – respondeu Leonardo.

- Amiguinho, você é mais uma entre as cinco milhões e quinhentas mil crianças que não têm o nome do pai na certidão. É o que chamam de aborto masculino – observou Gabrielle.

- Vocês recebem Bolsa Família? - perguntou Gabrielle.

- Não. Vovó foi ao CRAS de Itararé pedir uma cesta básica e foi enrolada pelas assistentes sociais, que fazem ela participar de várias reuniões e cesta que é bom, nada. Por isso, eu estudo de manhã, e à tarde, vou pra Reta da Penha vender doces e dou o dinheiro pra vovó comprar comida – respondeu Leonardo.

- Por causa da mãe desse moleque, o Brasil não vai pra frente, porque ela põe um filho no mundo sem condições de criá-lo. Por acaso, ela não sabe o que é pílula anticoncepcional, camisinha, que pode pegar de graça no postinho do bairro? Não vejo um bom futuro pra ele, que será um marginal do amanhã – afirmou Bernardo.

- Na real, nunca na minha vida, lidei com uma pessoa mesquinha, fria e preconceituosa – disse

Gabrielle, apontando o dedo para Bernardo – A mãe dele tá morta, seu grandessíssimo idiota! Ele mora com a avó.

– Chega! Esse moleque vai sair daqui agora! – gritou Bernardo, pegando o braço de Leonardo e tentando tirá-lo do centro comercial à força.

Uma senhora, indignada com a cena, gritou:

– Deixe o menino comer, moço!

– Tá com pena? Leva ele pra casa, dá comida, mas cuidado pra ele não te roubar, hein? – ironizou o segurança, batendo o cassetete na mão.

Gabrielle se lançou em frente ao menino, impedindo a ação do segurança.

– Ele vai almoçar, quer você queira ou não. Afinal, sou eu quem tá pagando. O dinheiro é meu, e dele disponho como quero – falou a jovem.

– Não me faça usar a força contra o menino e contra a senhora – ameaçou Bernardo.

– E se fosse seu filho que tivesse passando fome na rua, o que você faria? – perguntou Gabrielle.

– Jamais teria um filho no mundo para sofrer, como esse pivete aí, jogado aí nesse mundão de meu Deus. Por essas e outras, eu defendo o controle de natalidade, pra que nenhuma criança passe fome e se torne um marginal no futuro – afirmou Bernardo.

Jânio, o chefe da segurança, 41 anos, negro, 1,90 m, magro e careca, foi comunicado da desinteligência

via rádio pelos colegas de Bernardo e apaziguou a situação.

– O menino pode comer o prato dele – disse.

– E o regulamento, chefe? - perguntou Bernardo, constrangido com a atitude do superior.

– Vá pra minha sala. A gente precisa ter uma conversinha seríssima – advertiu Jânio.

Sob a permissão de Jânio, a atendente do restaurante entregou para Leonardo o seu prato de comida, e ele o comeu numa das mesas do Perth Commercial Centre. Após comer, Leonardo saiu com Gabrielle e foram para o Hiper Montanaro, ali também na Reta da Penha, junto com Leonardo. Dentro do estabelecimento, ela disse:

– Pode escolher o que quiser pra comer, que eu pago.

– Jura? - perguntou Leonardo, ainda cético.

– É verdade, meu bem – respondeu Gabrielle, dando um largo sorriso e afagando-lhe a cabeça.

Leonardo passou pelas seções do hipermercado e escolheu o que queria levar, principalmente hambúrguer de picanha, que ele gostava e não comia há muito, biscoito de rosquinhas, leite em pó e achocolatado.

Com as compras, Leonardo foi para a casa dele, na Rua do Estrela, no Alto Itararé. Lúcia, 54 anos, avó de Leonardo, parda, 1,56 m, cabelo pintado de acaju,

chorou de alegria ao ver os mantimentos no porta-malas do carro de Gabrielle.

- Hudson, desce aí pra ajudar tirar as sacolas do carro e por elas na mesa – disse Lúcia.

- Sim, senhora – respondeu Hudson.

O rapaz, filho de Lúcia e tio de Leonardo, 24 anos, negro, 1,70 m, cabelo na régua, bigode fininho, desceu, e tirou as sacolas do carro da jornalista, enquanto contemplava sua beleza.

“Cara, essa mulher é top demais. Simplesmente maravilhosa”, pensou Hudson.

- Moça, que Deus lhe dê em dobro o que você nos deu – agradeceu Lúcia.

- Não precisa agradecer, minha senhora. É o mínimo que eu podia fazer. Até mais – despediu-se Gabrielle, entrando em seu carro e seguindo para a reunião outrora agendada.

À noite, Gabrielle postou um texto indignado, com o vídeo dos maus tratos do troglodita travestido de segurança:

No início da tarde de hoje, estava indo para uma reunião na Glória, quando fui abordada por um menino franzino, 11 anos, na Reta da Penha. Ele tentou me vender doces, alegando juntar dinheiro pra comprar comida. Respondi que não costumo comprar doces na mão de crianças e disse

para ele que poderia pagar um almoço no Fleur du Mal. O menino topou.

Em hipótese nenhuma, corroboro com a exploração do trabalho infantil, porque acredito que por trás de uma criança no sinal, há um adulto inescrupuloso ganhando à custa dela e usando o dinheiro para fins espúrios.

Ato contínuo, fomos ao Fleur du Mal, que funciona dentro do Perth Commercial Centre. O menino viu o cardápio e escolheu filé com fritas. Quando a atendente entregou o prato para o menino, veio o segurança daquele shopping, dizendo que não poderia servir comida, porque se tratava de pedinte e morador de rua.

Fiquei indignada com a falta de tato daquele boy lindo e louro, mas truculento e acéfalo. Eu disse que ele agia assim porque o menino é negro e pobre e não dava à mínima para a fome do menino. Aquele animal me acusou de coitadismo, disse que só cumpria ordens e que não rezava na cartilha do politicamente correto. Coitado!

Ao conversar com o menino, ele me disse que mora com a avó e o tio. A mãe dele, que era cantora da banda Charme da Cidade, morreu no parto. Foi preciso que o chefe da segurança daquele centro comercial viesse autorizar o menino a saborear seu filé com fritas.

De lá, eu e o menino fomos ao Hiper Montanaro e disse para ele que ficasse à vontade para escolher o que quisesse de comida, que eu pagaria. Após as compras feitas, fomos à casa dele, no Alto Itararé.

Uma senhora, que parecia ser a avó dele, me agradeceu. Respondi àquela senhora que não precisava agradecer, porque era o mínimo que podia fazer. Saí dali e fui para a reunião.

Nojenta e higienista foi a atitude do segurança, que constrangeu o menino na frente de várias pessoas, e tal ato, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, é crime e ele, como operador da segurança privada, sabe disso, mas o fez consciente e deliberadamente. É notável que a formação dos seguranças privados tem deixado a desejar, no tocante às relações humanas e aos direitos humanos.

Esse cara é prepotente e desumano! Tinha que ser afastado do trabalho e passar por uma reciclagem urgente. Parece ser um profissional amargurado, que sente prazer em descontar suas desventuras em seres frágeis e indefesos, como o menino que levei ao restaurante e lhe paguei um prato de comida. Não suporto covardia, principalmente contra mulheres, crianças e idosos.

Espero que o Perth Commercial Centre se manifeste e tome as devidas providências. Peço aos meus seguidores que façam chegar esta mensagem às autoridades competentes.

Uma pergunta ficou no ar: quem era Bernardo e por que ele era tão perverso e autoritário?

UMA VIDA DE FRACASSOS

Ao longo dos anos, Bernardo teve fracasso atrás de fracasso.

Entre 2006 a 2009, tentou entrar no curso de Direito na UFES, tirando notas medíocres na primeira etapa e eliminado na segunda etapa. Bernardo, que cursara o Ensino Médio no Lamarck, era opositor feroz às cotas, participando dos protestos contra as ações afirmativas em 2006 e 2007. Veja o que ele declarou para o jornal *O Moxuara*, em agosto de 2007:

Esses governos de esquerda, através das cotas, escancararam as portas das universidades pra tudo quanto é tipo de gente, como negros, índios, alunos de escola pública e o escambau. No lugar do mérito, escolheram o

coitadismo. Não admito perder minha vaga pra um aluno que teve uma nota menor, só porque ele é aluno de escola pública.

O que importa pra esses populistas é a universidade seja pra todos a todo o custo. Mas essas cotistas vão sofrer preconceito do mercado de trabalho, que só seleciona os candidatos pela sua competência, não pela sua cor ou por qual escola estudou.

Pra mim, quando a pessoa quer, ela vence, independente se ela for rica, pobre, branca, negra ou amarela. A política de cotas é um atestado de incompetência do Estado em proporcionar um ensino que dê igualdade de condições aos alunos da escola pública disputar as vagas do vestibular com os alunos da rede particular.

Sou totalmente a favor da meritocracia. Com todo o respeito, mas eu, se fosse recrutador de uma empresa, numa entrevista, o candidato dissesse que é cotista, encerraria a mesma, dizendo que ele não tem perfil para a vaga.

Em 2010, o pai morreu, e ele ficou sem o seu esteio financeiro. A mãe pagou para Bernardo um curso de vigilantes numa conhecida escola em Cariacica e as extensões em escolta armada, segurança pessoal privada e transporte de valores. Conseguiu um emprego na Pretoriana. Passou por vários postos até

chegar ao Perth Commercial Centre, onde estava trabalhando desde meados de 2017.

Cansado da vida de segurança e almejando o cargo de assistente de recrutamento e seleção, cursou tecnólogo em Recursos Humanos na Universidade Canela Verde, entre 2011 e 2012.

Ao tentar a promoção, foi informado pelo departamento de Recursos Humanos que a empresa não reconhecia cursos tecnológicos como cursos superiores, somente bacharelados. Além disso, imperava a politicagem na promoção dentro da Pretoriana. Só subiam de posição os queridinhos ou queridinhas dos gerentes ou diretores.

Paralelamente ao trabalho e à faculdade, tentou os concursos da Polícia Militar, da SEJUS, para agente penitenciário e das Guardas Municipais de Vitória, Vila Velha, Serra e Cariacica, não sendo aprovado em nenhum deles. Seu ódio ao trabalho só crescia, agindo de forma truculenta com as pessoas humildes, e com servilismo aos ricos e poderosos que frequentavam o centro comercial.

O fato é que Bernardo sofria da síndrome do pequeno poder ou síndrome do porteiro, uma atitude opressora de uma pessoa, quando detém o poder, age de forma autoritária. Ele pensava que tinha algum poder, mas era tão-somente um ferrado e mal pago de uniforme, revólver, e cassetete.

Na verdade, Bernardo não passava de um frustrado, que queria ser um operador da segurança pública, mas era um reles segurança terceirizado de um shopping, agindo agressivamente com as pessoas, como se quisesse descontar seu insucesso nestas últimas.

Uma surpresa não muito agradável o aguardava.

O BILHETE AZUL

Bernardo fora chamado para uma reunião no escritório da Pretoriana, em Bento Ferreira. Silvana, a analista de RH, 32 anos, preta, cabelo cacheado, 1,74 m, olhos verdes, e Jânio, seu então superior, estavam presentes.

- Bom dia, Bernardo – disse Silvana, apertando a mão do segurança.

- Bom dia – respondeu Bernardo, com um sorriso amarelo e forçado.

- Você foi convocado para tratarmos um assunto da mais alta gravidade – disse Silvana.

- O que é? – perguntou Bernardo.

- A jornalista e influenciadora digital Gabrielle Zucolotto foi ao Perth Commercial Centre, acompanhada de um menino, que era seu convidado, para

almoçar no Fleurs du Mal e você fez uma abordagem constrangedora ao menor, julgando que ele fosse pedinte e morador de rua, sendo publicado por ela nas redes sociais. Sua postura, além de repercutir negativamente a imagem da empresa, foi de encontro com os procedimentos operacionais que todo colaborador da área de segurança patrimonial precisa ter. Sendo assim, a direção da empresa decidiu que você será desligado dos quadros da Pretoriana – disse Silvana.

- Em bom português, você tá despedido – afirmou Jânio.

- Eu só cumpri ordens. O condomínio proíbe que se dê ou se venda comida pra pedintes e moradores de rua, além de vetar seu acesso e permanência ao centro comercial – justificou-se Bernardo – A empresa sucumbiu ao politicamente correto, e vai me demitir? É isso mesmo, produção?

- Houve constrangimento ao menor e isso é considerado crime pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – observou Jânio, além de ser uma violação aos direitos humanos. O menino tava com fome, a jornalista, com a melhor das intenções...

- De boas intenções o inferno tá cheio – interrompeu Bernardo, batendo os punhos na mesa, e colocando o dedo em riste – Esse estatuto é uma desgraça, porque só dá guarida pra esses menores delinquentes que matam, roubam e estupram os cida-

dãos de bem e pagadores de impostos. Só têm direitos, mas quase nenhuma obrigação. Direitos humanos para humanos direitos.

- Reze pra que o menino não acione judicialmente a empresa, porque a Justiça der ganho de causa pra ele, a Pretoriana vai te processar. Esteja certo disso – advertiu Silvana.

- Não me arrependo da minha atitude, e faria tudo outra vez, se preciso fosse. Se fizesse vistas grossas, tomaria esporro do síndico – respondeu Bernardo.

- Esperava algum arrependimento de sua parte – pontuou Jânio.

- Arrependido, eu? Espere sentado. Não achei minha abordagem constrangedora – afirmou Bernardo.

- Foi por essas e outras que você dançou – disse Jânio.

- Vocês não podem fazer isso comigo. Eu tenho uma esposa que tá gestante, tenho um enteado, o Ariel, com 15 anos, que é portador de autismo e retardo mental. Tenho muitas contas pra pagar – respondeu Bernardo.

- Você deveria ter pensado nisso, Bernardo. Agora é tarde demais. Eu sinto muito, mas você teve uma atitude preconceituosa com o garoto, que foi filmada pela jornalista e publicada nas redes sociais. Não era você que dizia que tava de saco cheio do trampo e

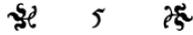
meteria o pé na primeira oportunidade que pintasse em RH? Você vai ter tempo de sobra pra refletir a respeito da sua atitude que culminou em sua demissão e aproveitar pra fazer uns cursos de qualificação em RH pra aumentar as chances de conseguir um emprego na área que você quer – disse Silvana.

- Eu vou botar essa jornalista no pau e tirar o último centavo que tiver no bolso dela pra aprender a não expor as pessoas ao ridículo. Por culpa dessa desgraçada, eu vou ser mais um na fila dos desempregados. Essa piranha vai sentir no bolso por difamar um cidadão de bem e pai de família – gritou Bernardo.

- Você é o único culpado pela sua demissão, Bernardo – respondeu Silvana – Não queira terceirizar suas responsabilidades. Nossa conversa termina por aqui. Passe no departamento de pessoal para receber as instruções no tocante à rescisão do seu contrato de trabalho e aos direitos trabalhistas, como o seguro-desemprego, FGTS e afins. Peço que devolva o uniforme e o crachá. Ao final de todos os passos, o Jânio te acompanhará até a porta. Passar bem.

- Isso não vai ficar assim. Vocês vão se arrepender amargamente pela decisão tomada. Não é uma ameaça, é uma promessa – gritou Bernardo, socando a mesa e apontando.

O caso começava a ter desdobramentos.



AS REAÇÕES

A Promotoria da Infância e da Juventude abriu um inquérito para apurar a responsabilidade do condomínio, da Pretoriana e de seu ex-agente de segurança na prática de racismo institucional. A Comissão de Direitos Humanos da OAB Espírito Santo enviou ofício para o síndico do Perth Commercial Centre.

Nos grupos de WhatsApp, circulava a informação de que entidades que militam em prol dos negros fariam um *rolezinho* no centro comercial para denunciar o racismo estrutural e o desprezo aos pobres.



NAS REDES SOCIAIS, GABRIELLE AGRADECEU O APOIO dos seguidores:

Pessoas lindas,

Quero agradecer de coração pelos 100 mil likes obtidos na postagem que denunciei os maus tratos do segurança terceirizado do Perth Commercial Centre contra o menino que levei para almoçar comigo no Fleurs du Mal. Vocês são demais!

Graças a Deus, o segurança foi desligado do quadro de empregados da empresa de segurança. Era o mínimo que se esperava para que ele reflita sobre seu erro e aprenda sobre relações humanas.

Digo que antes da jornalista e influenciadora digital, existe a cidadã, que diante da violação dos direitos humanos e garantias constitucionais da criança que fora constrangida pelo segurança a sair do centro comercial, não poderia ficar indiferente. Dou meus parabéns à diretoria da Pretoriana pela pronta resposta dada face ao infame ato praticado pelo “guardinha de shopping” e espero que ele seja punido com todo o rigor da lei, garantidos o contraditório e a ampla defesa.

Peço a vocês, que possam ajuda à família do menino, com doação de mantimentos, roupas e brinquedos, e quem puder ajudar, basta entrar em contato comigo inbox.

Um beijo,

Gabrielle Zucolotto

ENQUANTO PREPARAVA UM POST A RESPEITO DO lançamento da coleção primavera-verão da Glória Salinas, Gabrielle recebeu um telefonema de Lunna Salinas, gerente de marketing da maison e neta da fundadora:

- Oi, Lunna.

- Oi, Gabrielle. Tô te ligando pra informar que o contrato de patrocínio que temos com você será rescindido.

- Por quê?

- Em virtude do barraco que você armou no Perth Commercial Centre.

- Que barraco, querida? Eu fui levar um menino pra almoçar no Fleurs du Mal, e o segurança escroto queria tirá-lo do shopping, sendo que ele era meu convidado.

- O centro comercial tem normas. Uma delas proíbe o fornecimento de alimentos para pedintes e moradores de rua. Você desafiou o segurança, filmou tudo, jogou na internet, e por sua causa, o profissional foi demitido. O fato é que você estava com um vestido da nossa marca, e não desejamos ver nossos produtos associados a escândalos. Ademais, a empresa preza pelo respeito às normas e às autoridades constituídas.

- Era só o que me faltava. Agora vão passar pano pra atitude racista e preconceituosa do segurança?

- Ele tava cumprindo ordens. Você queria era lacrar e pagar de boa samaritana.

- Faço muitas ações sociais, mas não as divulgo em redes sociais. Filmei a ação truculenta daquele despreparado.

- Despreparado, não senhora. É um pai de família e cidadão de bem.

- Se ele fosse um cidadão de bem, não teria sido preconceituoso com o menino.

- O mundo anda chato demais. Vivemos sob a ditadura do politicamente correto. Temos orientação política conservadora-liberal, nossas clientes são majoritariamente conservadoras. Você quis lacrar no shopping, prejudicando um profissional da segurança, que agora tá desempregado por sua causa.

- Quero mais que esse guardinha se dane! O cara tinha que sair daquele centro comercial preso e algemado. Se voltasse ao tempo, teria feito tudo novamente. É uma criança, poxa! Se defender os direitos humanos de uma criança é lacração, eu vou lacrar até que Deus me tire o fôlego de vida.

- É mesmo? Entenda, querida: quem lacra, não lucra. Conselho de amiga: para com essa lacração ou vai perder patrocinadores.

- Deus me livre de ter como patrocinadora, cujas controladoras são reacionárias e fascistas. Não tô perdendo nada. Passar bem, querida.

- Igualmente.

SÍNDICO REAÇA

O síndico do Perth Commercial Centre se manifestar pelo site oficial do condomínio e suas redes sociais. Recomenda-se que tenha um saco de vômito à mão:

O Perth Commercial Centre, através do seu síndico, vem a público lamentar todo o sensacionalismo feito em torno dos supostos “maus tratos” e “racismo” cometidos por um colaborador terceirizado contra um garoto que veio acompanhado da influenciadora digital Gabrielle Zucolotto para almoçar no Fleurs du Mal.

Vivemos numa época, onde impera o vitimismo de minorias e tendência de alinhamento à agenda do politicamente correto. Infelizmente, a Pretoriana, empresa prestadora de serviços de vigilância patrimonial,

sucumbiu para manter incólume a sua imagem corporativa e para isso, limou seu colaborador que cumpria ordens deste condomínio.

Gabrielle Zucolotto, aquela blogueirinha com seu bom-mocismo lacrador e socialista de iPhone, trouxe aquele menino para almoçar no Fleurs de Mal. Nada contra, mas não é lugar para que ele frequente, face à sua origem.

O segurança fez a abordagem, ordenando à atendente do restaurante que não servisse o prato e que o menino saísse do centro comercial. A moça, esquerdinha caviar, começou a filmar a cena, criando um tumulto.

Friso que a postura do segurança foi corretíssima, estava na razão dele, porque se trata uma propriedade particular. Os condôminos pagam um condomínio caro para ter sossego, e os frequentadores não querem ser importunados por pedintes.

Não cabe a nós, cidadãos de bem e pagadores de impostos, resolver o problema do menino. Isso é responsabilidade dos pais, que o gestaram, e do Estado, na ausência destes.

Resta claro que Gabrielle armou esse teatro mambembe e canastrão para postar em suas redes sociais, gerar comoção popular, aumentar o número de seguidores em suas redes, e fechar mais parcerias de publicidades.

Informamos que acionaremos judicialmente a jornalista por danos morais, pelo uso indevido de imagem

das instalações do condomínio sem autorização, além dos lucros cessantes;

Respeitosamente,

Sebastião Sponfeldner Júnior

Síndico do Perth Commercial Centre

SEBASTIÃO ESTAVA NO CARGO DE SÍNDICO HÁ MAIS de 20 anos, sendo reconduzido várias vezes. Sua gestão era marcada por suspeitas de corrupção e enriquecimento ilícito, além de ser tido como autoritário e centralizador. Tão logo tomou conhecimento da manifestação do síndico do Perth Commercial Centre, Gabrielle enviou uma notificação extrajudicial para o mesmo:

Ao Senhor

SEBASTIÃO SPONFELDNER JÚNIOR

Síndico do Perth Commercial Centre

Em nome do Perth Commercial Centre, o senhor, além de legitimar o racismo estrutural deste condomínio, através do reacionário e despreparado segurança terceirizado que humilhou um menino pobre e negro que era meu

convidado para comer no Fleur du Mal, ainda afirma que eu forjei a situação para obter likes e aumentar meu poder de barganha com potenciais parceiros, além de me chamar de “socialista de iPhone” e “esquerdinha caviar”.

Assim, notifico-o:

1) A publicar esta mensagem na íntegra, imediatamente, no site do condomínio e em suas redes sociais.

2) A se retratar publicamente, no site do condomínio e em suas redes sociais, se desculpando da acusação infeliz e leviana que me fez ou provar o que o senhor alegara na manifestação em nome do condomínio.

Caso o senhor não tome as medidas determinadas, vou acioná-lo na esfera cível, para que me indenize por danos morais e lucros cessantes; e penal, para obter a condenação do senhor por difamação e injúria.

O Foro será o da comarca de Vitória.

Atenciosamente,

Gabrielle Rigoni Zucolotto

Jornalista e Digital Influencer



DE FORMA PROTOCOLAR, A PRETORIANA DIVULGOU uma nota ao público:

A Pretoriana Soluções em Segurança Privada Ltda lamenta o episódio de discriminação contra um menor no Perth Commercial Centre. Após apuração interna, decidimos pelo desligamento do colaborador do quadro de colaboradores, por este ter descumprido os procedimentos operacionais dos agentes de segurança desta empresa.

Ademais, a empresa repudia veementemente qualquer ato de preconceito ou discriminação de qualquer espécie.

Solidarizamo-nos com o menor, e prestaremos toda assistência ao mesmo e à sua família, além de nos colocarmos à disposição das autoridades para quaisquer esclarecimentos.

A Direção

LÚCIA JÁ SABIA O QUE ACONTECERA COM O NETO?

A DOR E A IRA DE UMA AVÓ

Lúcia, ao ver a cena da humilhação sofrida pelo seu neto na televisão, se revoltou e soluçando de tanto chorar, disse:

- Quanta maldade com uma criança, meu Pai Eterno! A moça foi educada, quis pagar um prato de comida pro menino, na melhor das intenções. Vem esse desalmado, lá do quinto dos infernos, impedir que o menino almoçasse. Tenho orgulho do Léo, que graças a Deus, optou pelo caminho honesto do trabalho.

Coronel Firmino bateu à porta. Lúcia, que estava assistindo tevê, abriu a porta e disse:

- Boa noite.

- Boa noite. A senhora é a dona Lúcia?

- Sim. Quem é o senhor?

- Sou o coronel Firmino, diretor-presidente do Grupo Pretoriana. Vim aqui pedir desculpas à senhora pela conduta inadequada do nosso ex-colaborador contra seu neto no Perth Commercial Centre.

- Em nome do meu neto, aceito as desculpas. O segurança foi despedido?

- Sim, minha senhora. Mantê-lo nos quadros da Pretoriana tornou-se insustentável, diante da repercussão negativa. Direto ao assunto, dona Lúcia: soube que a senhora se encontra desempregada, tendo que cuidar do seu neto. Vim aqui pra oferecer à senhora uma oportunidade de emprego de auxiliar de serviços gerais na Conservadora Pretoriana.

Lúcia chorou de alegria.

- Obrigado, Senhor. Vós ouvistes as minhas preces – disse.

Roberta entregou um envelope para Lúcia, contendo R\$ 1000 e falou:

- Esta é uma importância que estamos oferecendo à senhora pra ajudar com as despesas da casa. Tome meu cartão, que tem o endereço da nossa sede, e compareça amanhã, a partir das 09:00, pra que a senhora receber instruções sobre os exames admissionais. Boa sorte, e bem-vinda à família Pretoriana.

- Obrigada. Que Deus abençoe o senhor, coronel.

- Igualmente, dona Lúcia. Boa noite – respondeu o coronel Firmino, levantando-se e indo para a porta.

- Até mais – disse Roberta, acompanhando o pai até a porta.

Às oito da noite, Leonardo chegou da rua. Lúcia disse para o neto:

- Leonardo, vá tomar um banho, enquanto esquento seu jantar.

- Sim, vovó – respondeu Leonardo.

Leonardo foi ao banheiro, tomou banho, enrolou-se na toalha, foi para seu quarto e pôs uma camisa regata amarela e uma bermuda xadrez vermelha.

Na cozinha, Lúcia falou com o neto:

- Leonardo, a vovó já sabe o que fizeram com você no shopping. Aquele segurança é um filho de choca-deira, sem Jesus no coração. Eu tenho orgulho de você, que em vez de tá fazendo o que não presta, vai pro sinal vender doces. Eu te digo, que de hoje em diante, você não vai mais precisar fazer isso.

- Por quê, vovó?

- Hoje recebi a visita do coronel Firmino, dono da Pretoriana e de sua filha, me oferecendo emprego de auxiliar de serviços gerais e uma quantia em dinheiro, que eu vou guardar no banco. Amanhã, vou à firma tomar instruções sobre os exames que tenho que fazer.

- Vovó, vou pra sala ver televisão.

- Tá bom, Léo. Lembre-se que às dez e meia da noite, você tem que dormir, porque amanhã você tem aula.

- Sim, senhora.

A REPERCUSSÃO NA ESCOLA

Na Escola Municipal Juiz Alexandre Martins de Castro Filho, no Itararé, todos estavam indignados com a atitude do ex-guardinha da Pretoriana.

Sirley, 37 anos, a diretora, negra com cabelo cacheado, conduzia uma reunião com as pedagogas do 6º ao 9º ano e o coordenador de turno, a respeito do caso ocorrido com Leonardo no shopping. Ela falou:

- A atitude do segurança contra o Leonardo é uma prática consciente e deliberada de racismo institucional e estrutural. Quando eu assisti o vídeo no Facebook, tive ânsia de vômito. Era como se fosse comigo. A Gabrielle Zucolotto foi àquele centro comercial levar o menino pra que ele pudesse comer algo, uma vez que a avó dele tá desempregada e ele é órfão de

mãe. Aquele acéfalo constrangeu o menino pra que ele se retirasse do local, e a jornalista agiu com firmeza contra a postura preconceituosa dele. Achei bem feito que o imbecil tenha sido demitido da firma de segurança.

- Eu também assisti o vídeo. A Gabrielle Zuco-lotto não passa de uma biscoiteira que queria lacrar dentro do centro comercial, utilizando o Leonardo como idiota útil. A regra do espaço é clara na proibição do acesso e permanência de pedintes e moradores de rua – opinou Sarah, a pedagoga de 8º e 9º anos, 39 anos, ruiva, 1,65 m e olhos verdes – Na minha opinião, a escola não deveria se envolver com os problemas do Leonardo ou qualquer aluno. A meu ver, esse menino tem que ser entregue ao Conselho Tutelar.

- Nossa, que mulher fria! - criticou Márcia, 32 anos, 1,56 m, índia, cabelo preto e liso e olhos castanhos, pedagoga de 6º e 7º anos.

- Fria, não. Sou apenas realista. Se achou ruim, paciência. Comigo é assim: surta ou atura – respondeu Sarah.

- Cai fora daqui, Sarah! - gritou Sirley, apontando o dedo para a pedagoga.

- Mas eu só disse a verdade – respondeu Sarah.

- Vá pro diabo que te carregue com suas “verdades” – tornou a dizer Sirley, batendo na mesa – Se não

quer ajudar, beleza, mas não vem aqui avacalhar. Você é tóxica, repulsiva e com complexo de Gabriela. Por essas e outras que você tomou chifre dos seus três ex-maridos. Haja paciência pra suportar esse seu mau gênio.

Sarah saiu da sala chorando.

Márcia fez uma observação:

- O Leonardo é estudioso, tem boas notas, embora alguns professores reclamem do excesso de conversas paralelas. Além disso, ele tem desmaiado amiúde.

- Será que ele tem alguma doença? - questionou Christiano, professor de inglês e coordenador do turno matutino, 24 anos, loiro com 1,78 m e olhos azuis.

- Pra saber se há alguma doença, temos que fazer um encaminhamento do Leonardo à Unidade de Saúde do Itararé – observou Sirley – Não sou médica, mas acho ele pode tá passando por um quadro de desnutrição e falta de vitaminas. Sendo assim, vamos deliberar duas questões: será feito um encaminhamento do educando ao posto de saúde de Itararé, além da chamada da avó para os devidos esclarecimentos.

- De acordo – respondeu Christiano.

- Acompanho o colega – respondeu Márcia.

- Há outro caso, com um grau de complexidade mais elevado, envolvendo um aluno com autismo e

deficiência mental grave. Trata-se do Ariel – apontou Sirley.

- Ele já tá com quantos anos, Sirley – perguntou Márcia.

- Tá com 15 anos – respondeu Sirley – Ele tem atendimento escolar especializado na própria escola.

- Roberta, a professora de AEE, me relatou que Ariel, nos últimos tempos, mostra comportamentos anormais. Ele depende de ajuda pra tudo, inclusive pra higiene pessoal e alimentação – observou Christiano.

- Ícaro, seu cuidador, diz estar preocupado com a erotização excessiva do menino que se esfrega no cuidador, além de ficar de quatro para ele, como se quisesse convidar pra uma relação sexual. Ao realizar a higienização do menino, Ícaro tem percebido que após a evacuação, Ariel fica com o ânus ficava dilatado – disse Sirley.

- Há um indício de abuso sexual. Soube por alto que a mãe dele, há seis meses, tava estava com um novo companheiro – disse Christiano – Longe de mim de fazer qualquer juízo de valor a respeito da vida pessoal de uma mãe de aluno, mas o Ariel sofre com esse rodízio de padrastos em sua casa.

- Encaminharemos a questão ao Conselho Tutelar pra que tome as providências cabíveis - afirmou Sirley.

- Eu concordo – respondeu Christiano.

- É o que se deve fazer – respondeu Márcia.



VEIO O RECREIO. A MERENDA DO DIA ERA estrogonofe de frango e batata palha. A bebida era suco de limão e a sobremesa era mexerica.

Tatiana, pretinha de 14 anos, com cabelo rastafári, que estudava no 9ºB, entrou no refeitório à procura de Leonardo. Ela o localizou e disse:

- Léo, a Nathália quer falar com você no 9º B.

- Já tô indo.

Ao chegar na sala, Leonardo viu que é uma festa surpresa. Ele completava 12 anos naquele dia. Lá estão seus colegas do 6º A, do 9º B e os professores. Após cantar os parabéns e Leonardo ter soprado as velinhas, Nathália, 14 anos, 1,70 m, morena clara, cabelo castanho liso com mechas louras, seios grandes, além de usar óculos com armação vermelha, cortou o primeiro pedaço do bolo e o deu para Leonardo, dando-lhe um abraço e um beijo. Ela disse:

- Léo, meu querido, parabéns. Que o Senhor Jesus te ilumine e te proteja. Tudo de bom pra você.

- Obrigado, Nathália – respondeu Leonardo, comendo o bolo.

- Sem ser esse sábado, no próximo, vai rolar a minha festa dos 15 anos, e muito queria que você

fosse. Trouxe pra você o convite, além de uma beca maneira que a mamãe comprou pra você – disse Nathália – Te vejo lá.

Andréa, 30 anos, cabelo loiro liso, magra, olhos verdes, 1,60 m, professora de português, em nome do corpo docente, deu um envelope para Leonardo, dando-lhe um abraço:

- Querido, esta é uma lembrança simples, mas feita de coração por todos os professores do Alexandre. Só abra o envelope em casa, na presença da sua avó, viu?

A festa seguiu animada, com bolo, torta, refrigerante e salgadinhos postos na mesa. Sarah, que não quis contribuir em nada na festa, apareceu na sala e encheu a mão de salgadinhos, enquanto os alunos e professores menearam a cabeça, em sinal de reprovação.

- Deus tá vendo gente que não contribuiu pra festinha, mas tá filando o rango – disse Christiano, mandando a indireta para Sarah, que levantou o dedo do meio para o coordenador.

No fim da tarde, Lúcia chegou do trabalho. Leonardo falou com a avó:

- Vovó, a senhora sabia que fizeram uma festa surpresa pra mim? Hoje faço 12 anos.

- Santo Deus! Me esqueci completamente. A vida

da gente é uma correria só, e não me dei conta que você tá virando um rapazinho.

Leonardo mostrou o envelope que ganhou dos professores. Ele o abriu. Dentro, continha 500 reais.

- Vou colocar na poupança pra você, Léo – disse Lúcia.

- Obrigado, vovó – respondeu Leonardo – A Nathália me convidou pra festa de quinze anos dela, sem ser neste sábado, no próximo.

- Que coisa boa, Léo. Fala pro seu tio te levar – respondeu Lúcia.

- Sim, vovó – respondeu Leonardo.

Leonardo estava empolgado para ir à festa de 15 anos da amiga Nathália. A debutante estava com borboletas no estômago.

A FESTA QUE NÃO FOI

Leonardo estava em seu quarto, se arrumando para ir à festa dos 15 anos de Nathália, quando Lúcia disse:

- Léo, a Jackeline, mãe da Nathália, tá no telefone e quer falar com você.

- Já vou, vovó – respondeu Leonardo.

O menino foi correndo para a sala, pegou o telefone e atendeu:

- Oi, Jack. Boa noite.

- Oi, Léo. Infelizmente, a festa dos 15 anos da Nathália não vai ocorrer, em virtude do tombo que tomamos do casal de cerimonialistas Diana e Fernando Monteiro, que eram responsáveis pelo evento. Quando chegamos ao Cerimonial Madalena Soriano, em Bento Ferreira, não havia nada montado,

e a dona do buffet ainda disse que uma reserva foi feita, mas que eles não pagaram o aluguel do espaço. A Juliana, minha irmã, teve que informar a todo mundo que não teria a festa, porque eu não tive condições. A Nathália tá em estado de choque e tá morrendo de vergonha. Por um ano, ela sonhou com essa festa e vê seu sonho se esvaír por causa de dois picaretas.

- Como eles puderam destruir o sonho da minha amiga? Eles são muito safados né, Jack?

- São bandidos, estelionatários da pior espécie. Raça de pilantras. Por causa desses filhos da mãe, pra não falar outra coisa, a Nathália perdeu o chão. Ah, meu Deus do céu! Não quero nem pensar como vai ser na segunda-feira. Temo que ela seja motivo de piada.

- Você tentou falar com eles?

- Tentei falar várias vezes com aqueles canalhas, mas os celulares dele estavam dando caixa postal. Como se não bastasse, eles me bloquearam no WhatsApp.

- Bandidos!

- Desde junho do ano passado, eu e Flávio estávamos organizando a festa de 15 anos da Nath. Fechamos contrato com o casal picareta, que conhecemos por indicação de uma amiga, que havia contratado os serviços deles para as bodas de prata de seus

pais. Diana me apresentou o showroom, e eu provei as comidas. A cerimonialista foi várias vezes lá em casa pra acertar os detalhes da festa. Demos uma entrada de R\$ 6.000,00 e dividimos o valor restante em cinco parcelas de R\$ 2.000,00. Ao todo, foram gastos R\$ 16.000,00.

- Um dinheiro e tanto, não?

- Sim, Léo. Fiz horas extras, guardei o valor do décimo terceiro e da participação nos lucros e resultados. O Flávio vendeu o carro dele pra juntar o dinheiro pra fazer a festa e no fim das contas...

A bateria do celular de Jackeline havia acabado.



NA SEGUNDA-FEIRA, NATHÁLIA, AINDA ARRASADA, foi à aula. Ela encontrou Leonardo e em lágrimas o abraçou.

- Sua mãe já me contou o que aconteceu – disse Leonardo – Vai ficar tudo bem.

- Obrigada, Léo – respondeu Nathália, afagando o garoto.

Sarah, que passava pelo corredor, puxou Nathália para um canto e disse:

- Bom dia. Soube pelas suas colegas o que aconteceu com você no sábado. Com todo o respeito, acho que festa de 15 anos é perda de tempo e vaidade. O

dinheiro que seus pais gastaram nessa festa que deu errado, na minha opinião, deveria ser guardado pra fazer um intercâmbio, aprender uma língua estrangeira, pra ficar competitiva no mercado de trabalho. A Rebecca não teve festa de quinze anos, a gente fez com um churrasco só pra parentes e amigos próximos na casa de praia da prima dela, em Manguinhos.

- Vá pro inferno, sua recalcada, tóxica e intragável – gritou Nathália – Bem que você queria uma festa de debutantes pra Rebecca, mas não tinha grana, sua invejosa.

- Que culpa eu tenho, se você só pensa numa festa que vai durar poucas horas, não tem visão de futuro. Nunca vai sair desse subúrbio chamado Itararé. Cada um gasta o dinheiro como bem entende – respondeu Sarah.

- Que o diabo te carregue, sua praga! – gritou Nathália.

No recreio, a debutante ainda teve que enfrentar Pierre, um menino branco, loiro, olhos verdes e musculoso, apaixonado por ela, que o recusava por achá-lo idiota e vazio. Desde então, ele a chamava de Mia Khalifa, ex-atriz libanesa de filmes adultos, em virtude dos seios avantajados da garota e pela semelhança física. Quando a viu, o bombadinho falou:

- E aí, Mia Khalifa, fiquei sabendo que a sua festa de debutante foi o maior flop.

Nathália saiu dali, derramando um manancial de lágrimas.



NO DIA SEGUINTE, CAIO, O PAI DE NATHÁLIA, FOI À escola para tirar satisfações com Pierre. A menina apontou o patolinha para o pai, que se aproximou do rapaz e disse:

- É você que é o famoso Pierre?

- Sim, sou eu.

- Vim aqui para levar um papo sério contigo.

- Qual é o assunto?

- A Nathália me disse que você a importuna, a chamando de Mia Khalifa. Não bastasse a decepção que ela teve pela festa de quinze anos não ter rolado, vem você tirando sarro da menina, lhe jogando pra baixo? Como você é cruel, cara!

- Mas ela parece com a Mia Khalifa, na moral. É igualzinha.

- Você deve ficar altas horas em sites de sacanagem vendo essa Mia Khalifa. A real é que você tem um crush pela Nath, mas como ela não te deu condição, você faz bullying contra ela. Você não a ama, mas a vê como seu objeto de desejo. Você já teve sua primeira vez?

- Não.

- Tá explicado. Você é um virjão, que nunca transou com ninguém, e idealiza a Nathália como seu objeto de desejo. Vive fazendo homenagem pra ela, naquele banho de meia hora. Já fui adolescente, e sei como é. Se liga, cara.

- Sim, tenho uma queda por Nathália. Ela é muito bonita, mas vive me dando o fora.

- Então, amigo, bola pra frente. A fila anda. Meu irmão, só vou te dizer uma coisa: deixa minha filha em paz, senão você vai se arrepender de ter nascido. É meu primeiro e último recado.

Pierre começou a chorar diante do pai de Nathália, um moreno com 2 metros de altura, 104 quilos, e lutador de jiu-jitsu.

- Tá chorando, franguinho? Chora não, man. É só deixar minha filha em paz, que tá tudo certo. Adeus – disse Caio.

AFOGANDO AS MÁGOAS

Gabrielle estava muito feliz. Naquela noite, ela estava inaugurando sua boutique de moda teen que levava seu nome, na Rua Joaquim Lírio, na Praia do Canto. Ela ofereceu um coquetel para a imprensa tradicional, influenciadores digitais, celebridades, seguidoras e amigas para comemorar esta sublime data.

O que ela não contava era encontrar com Bernardo, que invadiu a loja, armado com um taco de beisebol, tentando agredir a jornalista. Ele, que demonstrava sinais de embriaguez, gritou:

- Gabrielle, sua desgraçada! Muito obrigado por me destruir por arruinar a carreira de um cidadão de bem. Por conta da sua postagem sensacionalista, eu não consigo emprego como vigilante patrimonial, sua

cachorra. Vou botar você no pau e vou arrancar o último centavo que você tiver pra que você aprender a não expor as pessoas na internet.

- Você fez suas escolhas, Bernardo. Agora, arque com as consequências – respondeu Gabrielle – Sai daqui, cara. Você tá fedendo a álcool. Que nojo!

- Quem é você pra me tirar? - perguntou Bernardo.

- Sou a dona da loja. Saia daqui, senão chamo o segurança – gritou Gabrielle, apontando o dedo para o ex-vigilante.

- Sabe o que eu vou fazer agora? Eu vou quebrar a sua cara e depois, vou destruir sua loja – gritou Bernardo, que estava trôpego.

Os convidados estavam ficando assustados. Ubaldo, o segurança, percebendo o perigo, aproximou-se do ex-guardinha e o imobilizou. Enquanto isso, Gabrielle ligou para o Ciodes para que enviassem uma viatura. Mesmo detido, Bernardo ameaçava:

- Se eu for preso, eu vou ser solto. Dá nada não, filha. Se der é pouca coisa. A lei não tem eficácia. Quando eu for solto, vou voltar pra quebrar essa loja de patricinha e ainda vou te bagunçar, porque o que você tem de lacradora, tem de gostosa.

- Ubaldo, tira ele daqui, pelo amor de Deus – gritou Gabrielle, desesperada.

A viatura da Polícia Militar chegou. Gabrielle contou o que ocorrera na loja.

- Você vai ser conduzido pro DPJ de Vitória – disse o cabo Salvino.

- Vou nada. Dá licença, irmão – gritou Bernardo, empurrando o militar, se vira obrigado a lançar mão do mata-leão para imobilizar o bêbado.

No DPJ, Bernardo teve que se explicar para o doutor delegado. Ele foi autuado por perturbação do sossego e resistência à prisão.



HAROLDO LEITE, DA PRODUÇÃO DO *SACODE LEGAL*, ligou para o síndico do Perth Commercial Centre:

- Alô quem fala, meu nome é Haroldo, produtor do *Sacode Legal*, da TV Vitoriense. Eu gostaria de falar com doutor Sebastião.

- Sim, sou eu.

- Doutor, a gente tá produzindo uma matéria a respeito da discriminação que o menino Leonardo sofreu no Perth Commercial Centre e precisamos fazer uma entrevista com o senhor, em nome do condomínio.

- O condomínio não tem mais nada a declarar sobre o assunto. Entre no site, e veja a nota publicada. Eu tenho mais o que fazer. Passar bem – gritou Sebastião, batendo violentamente o telefone no gancho.



SÁBATA FREITAS, REPÓRTER DO *SACODE LEGAL*, DA TV Mestre Álvaro, foi ao DPJ de Vitória buscando ouvir a versão de Bernardo a respeito do constrangimento cometido contra Leonardo e a invasão à boutique de Gabrielle Zucolotto. Mas o ex-segurança hostilizou a equipe de reportagem, gritando:

- Não tenho nada a declarar pra vocês da imprensa. Vocês tão invadindo a minha privacidade. Exijo que se retirem. Se essa matéria for ao ar, vou acionar judicialmente você e a emissora.

- Vim ouvir a sua versão dos fatos que ocorreram.

- Pra mim, os jornalistas são esquerdistas e tendenciosos. Se eu te der uma entrevista, quando chegar à ilha de edição, vai ser toda picotada, e tudo que eu disse será tirado de contexto.

- Eu tô lhe dando o direito de se defender.

- Só vou me defender em juízo. Ficar em silêncio é um direito que me assiste. Não vou dar ibope pra esse programa lixo chamado *Sacode Legal*, que se alimenta da desgraça alheia. Santana Júnior é um péssimo comediante, um palhaço sem graça e forçado. Já que tá me enchendo a droga do saco, eu quero passar um recado.

- Pode passar.

- Vou acabar com a raça daquele tiçãozinho.

Ao chegar à emissora, Sábata mostrou a reportagem a Santana Júnior, que além de apresentador, era editor-chefe do programa, e para Nelson Cordeiro, diretor de jornalismo.

- Bernardo fez uma ameaça gravíssima. Isso tem que ser encaminhado às autoridades – decidiu Nelson.

- Concordo contigo em número, gênero e grau – disse Sábata.

Ato contínuo, Santana Júnior, acompanhado de Sábata, foram ao DPJ e mostraram ao delegado de plantão a reportagem, com a ameaça de Bernardo. Ele disse que tomaria as providências cabíveis.



CORONEL FIRMINO FAZIA SUA CAMINHADA MATINAL nas ruas de Fradinhos, acompanhando de Serapião, seu segurança pessoal.

Bernardo, armado com uma pistola Glock 9mm, equipada com um seletor de rajadas, alvejou de surpresa seu ex-patrão com três tiros na cabeça, que não teve tempo de pegar a sua pistola Taurus para reagir e caiu morto no chão. Serapião tentou reagir, mas foi executado com dez tiros no tórax.

Pilotando sua Yamaha Ténéré, Bernardo prosseguiu seu plano de vingança. Foi para a loja de Gabrielle. Bateu violentamente na porta de vidro e gritou:

- Gabrielle, cadê você? Hoje vim para fazer nosso acerto de contas.

A influenciadora digital estava na loja soube das ameaças pelas funcionárias. Ela ligou para o Ciodes, pedindo socorro. A atendente disse que a viatura estava a caminho.

Bernardo atirou na vitrine da loja e na porta de vidro, entrou, vandalizou roupas, araras, manequins e tudo o mais que encontrasse pela frente, subiu as escadas, foi ao escritório e gritou:

- Gabrielle, você vai morrer, sua vadia!

- Tenha piedade, Bernardo – implorou Gabrielle.

- Você teve pena de mim? Agora vou te trucidar, sua cadela – gritou Bernardo, dando dois tiros no abdômen de Gabrielle.

O serial killer desceu as escadas da boutique e saiu em disparada em sua moto.

A jornalista, mesmo esvaindo em sangue, pegou seu iPhone e ligou para o serviço de remoção da VixMed, pedindo uma ambulância que a pudesse socorrer. Em alguns minutos a ambulância chegou e os paramédicos socorreram Gabrielle, que foi enviada para o hospital da VixMed, em Santa Lúcia.

Bernardo pulou o portão da escola Alexandre Martins de Castro Filho, disposto a matar Leonardo. Ele gritou:

- Leonardo, seu crioulinho safado! Vim aqui pra te

matar. Ninguém vai poder te socorrer. A sua hora chegou. Minha vida foi destruída por sua causa. Já cancelei o CPF do coronel Firmino, provavelmente daquela blogueirinha Gabriele e agora vai ser o seu, sua desgraça! Vim aqui acertar nossas contas.

Leonardo saiu da sala para tomar uma água. Bernardo sacou a pistola e disparou 3 tiros na cabeça de Leonardo, que caiu no chão ensanguentado e sem vida.

- CPF de crioulo cancelado com sucesso - comemorou o ex-segurança, soprando o cano da pistola.

FIM.

SOBRE O AUTOR

Maxwell dos Santos é brasileiro, nascido em Vitória/ES em 1986 e mora na referida cidade. Professor de Literatura Brasileira dos cursinhos Risoflora, Atitude e ResistEnem e professor de Língua Portuguesa do Cursinho Popular por Mensagem.

Técnico em Multimídia pelo CEET Vasco Coutinho (2016), licenciado em Letras/Português pelo Instituto Federal do Espírito Santo (2021), especialista em Educação Especial com Ênfase em Transtornos Globais do Desenvolvimento e Superdotação pela Faculdade de Educação Paulistana (2021), especialista em Revisão de Textos pela Faculdade Facuminas (2021), pós-graduando em Escrita Criativa, Roteiro e Multiplataformas pela Faculdade Novoeste e bacharelado em Jornalismo Digital pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci.

CONTRIBUA COM A LITERATURA

Se você gostou da obra e quer contribuir financeiramente com o autor para que este continue escrevendo, faça um depósito de qualquer valor nas seguintes contas:

- **Nubank**

Pix: contato@maxwelldossantos.com.br

- **PicPay**

@maxwell.santos2 | Pix:(27)99943-3585

- **Neon**

CONTRIBUA COM A LITERATURA

Pix: sanmaxwell@gmail.com

UM PRATO DE ÓDIO: ESCRACHANDO O RACISMO

A obra, baseada num fato real ocorrido em 2018 com um menino da periferia de Salvador, no Shopping da Bahia ,conta a estória de Leonardo, 11 anos, negro, órfão de mãe e órfão de pai vivo, trabalha vendendo balas para comprar comida, é convidado por Gabrielle, 30, jornalista e influenciadora digital, para almoçar no Fleurs du Mal, restaurante que funciona dentro do Perth Commercial Centre, localizado na mesma avenida, mas é constrangido por Bernardo, 30, o segurança daquele estabelecimento, a se retirar dali, porque o shopping proíbe a presença de pedintes e moradores de rua.

Ela publica um texto com vídeo nas mídias sociais, denunciando a discriminação sofrida pelo garoto no Camberra Trade Centre e cobrando providências do condomínio. Com a repercussão do caso, Bernardo é demitido da Pretoriana, empresa que presta serviços de segurança patrimonial ao centro comercial.

A mãe de Leonardo, Cristiana, era cantora na banda baile Charme da Cidade e tem um caso com Lucas, cantor e filho de Teófilo, dono da banda. Ao saber que a moça estava grávida de seu filho, ele a humilha, dizendo que jamais terá uma nora negra e a demite da banda.

